

PRODUTIVIDADE DO TEPE ALVEOLAR [r] E DA FRICATIVA VELAR [x] EM FINAL DE PALAVRA NA FALA DE ITAITUBA

Marilucia Oliveira
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de cunho sociolinguístico em que se estudou o comportamento do (r) final de palavra na fala de Itaituba, cidade localizada no médio amazonas paraense. Foram analisados para tal análise 2.727 dados. Dentre as variantes encontradas para a variável (r) estavam o zero fonético [ø], a fricativa glotal [h], o tepe alveolar [r] e a fricativa velar [x]. Aqui, pretende-se estudar especificamente as duas últimas variantes, que chamamos de minoritárias no corpus, apresentando freqüências a elas correspondentes, comparando os resultados referentes à fricativa velar aos de Vieira (1983), mostrando que os resultados obtidos sugerem tendência ao apagamento. Foram considerados para esta análise específica ao todo 112 ocorrências

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Quantitativa; reestruturação silábica; simplificação silábica.

RÉSUMÉ

Cet article est partie intégrante de une recherche dans laquelle on a étudié le comportement du (r) en fin du vocable na parole de Itaituba, ville située au sud-ouest du Pará. On a utilisé 2.727 données pour l'analyse. Le zéro, la fricative glottale, la fricative vélaire et le tep alvéolaire ont été les variantes trouvées. On va étudié spécifiquement les deux dernières variantes. On prétend présenter les fréquences correspondantes à ceux variantes et comparer les résultats de la fricative vélaire aux de Vieira (1983). Les résultats indiquent tendance au effacement. On utilisé pour l'analyse des deux variantes 112 données.

MOTS-CLÉS: Sociolinguistique Quantitative ; restructuration syllabique ; simplification syllabique.

1 INTRODUÇÃO

Votre (1978), ao estudar a manutenção do (r) final de vocábulo na fala carioca, afirma que a queda desta variável é bastante produtiva diante de vogal. Ao considerar o grupo de fatores constituído de consoante, vogal e pausa encontrou peso relativo igual a 0.38 para as vogais em relação à manutenção, configurando-se, assim, o fator que mais favoreceu o apagamento. Segundo o autor, diante de vogal é mais provável que ocorra a simplificação silábica, por meio da queda da variante do que sua reestruturação. Já Callou (1979), ao estudar grupo de fatores constituído pelos mesmos fatores do grupo acima citado, encontrou mais apagamento diante de pausa. Conforme os dados da autora, diferentemente do que se verificou em Votre (1978), não são as vogais que mais favorecessem neste grupo de fatores o apagamento. A autora completa que diante de vogal é possível encontrar a vibrante simples, que passa da posição posvocálica à posição prevocálica, a vibrante múltipla anterior e a fricativa posterior quando há manutenção da variável. Entretanto, estas últimas só se realizam em situação tensa. Oliveira (1999), ao analisar a fala de Salvador, afirma que diante de vogal o (r) implosivo cai categoricamente.

A fricativa velar foi encontrada de forma muito produtiva na fala carioca, conforme dados de Callou (1979), bem como na fala de Itaituba na década de 80, de acordo com Vieira (1983).

2 METODOLOGIA

O tepe alveolar e a fricativa velar apresentavam um número reduzido de ocorrências no corpus. Assim, optamos por não quantificá-las no programa de regra variável junto com o zero fonético e a fricativa glotal; o tepe alveolar e a fricativa velar favoreciam muitos nocautes¹ devido à sua baixa

¹ Aplicação ou não aplicação categórica de uma regra. *Comportamento não variável de um fator em relação às variantes em estudo.*

produtividade. Entretanto, percebeu-se que os dados não deveriam ser abandonados, pois a partir do estudo feito sobre eles, poder-se-ia inferir a respeito da possível tendência do apagamento da variável (r). Optou-se por proceder a uma análise de outra natureza.

Feita a pesquisa de campo, os dados foram transcritos grafemática e foneticamente, e colocados no arquivo de dados. Pelos motivos já citados optamos por não submeter os dados referentes à velar e ao tepe alveolar ao programa de regra variável. Separamos, então, os dados a eles correspondentes e utilizamos outro programa do pacote computacional VARBRUL, o CROSSTAB, que nos possibilitou fazer cruzamento entre o tepe alveolar e as variáveis sociais idade e escolaridade. O TSORT, outro programa do pacote acima citado, fornecem-nos dados referentes à frequência dessas variantes. Identificamos no corpus, por meio do TSORT, 96 (noventa e seis) realizações do tepe alveolar, todas ocorridas diante de palavra que iniciava com vogal, na qual a variante em estudo passava de posição posvocálica à posição prevocálica, provocando a reestruturação da sílaba, passando, esta, de fechada à aberta. Cabe, ainda dizer, que 74 (setenta e quatro) dessas realizações ocorreram com a preposição *por* como em [pu'risu] (por isso)². Os dados restantes ocorreram diante de palavras dissílabas, geralmente verbos.

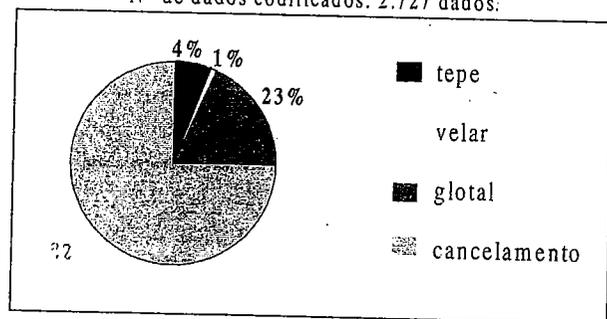
A realização da fricativa velar [x] corresponde a 16 dados do corpus. Aconteceu principalmente na fala de indivíduos da terceira faixa etária, na sua maioria analfabetos.

O gráfico abaixo, ajuda a visualizar, e a perceber melhor a discrepância que tínhamos em relação ao número de realização das variantes do (r) final de vocábulo em nosso corpus:

² A produtividade do tepe alveolar na preposição *por* nos fez abandonar a intenção de analisar a atuação da vogal seguinte sobre a ressilabação; restava-nos um número reduzido de dados quando excetuávamos a preposição. Além disso, pareceu-nos que a vogal não exercia força sobre o fenômeno, conforme supúnhamos. Não importa a vogal que vem depois da variável, quando se tem a preposição referida a ocorrência do tepe é categórica.

GRÁFICO 1

Percentuais correspondentes às variantes do *corpus*, conforme resultados fornecidos arquivo de células.
N° de dados codificados: 2.727 dados.



As variáveis sociais consideradas para a análise foram sexo, idade, escolaridade e renda, conforme se visualiza no quadro abaixo. Para o estudo específico do tepe alveolar,

QUADRO 1

Estratificação social

1ª Faixa etária	Homens		Mulheres	
	Escolaridade	Renda	Escolaridade	Renda
15 - 25 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	2 (dois) 2º grau	M B	2 (duas) 2º grau	M B
2ª Faixa etária	Homens		Mulheres	
	Escolaridade	Renda	Escolaridade	Renda
26 - 45 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	2 (dois) 2º grau	M B	2 (duas) 2º grau	M B
3ª Faixa etária	Homens		Mulheres	
	Escolaridade	Renda	Escolaridade	Renda
A partir de 46 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	2 (dois) 2º grau	M B	2 (duas) 2º grau	M B

³ Os códigos que aparecem ao lado dos exemplos citados ou em nota de rodapé correspondem à estratificação social dos informantes. Assim, uma codificação como 1AF+ corresponde a informante da 1ª faixa etária, analfabeta, do sexo feminino, de renda alta.

utilizou-se apenas as variáveis escolaridade e idade, a fim de se verificar se os mais escolarizados e os mais velhos rerssilabariam mais.

2.1 O TEPE ALVEOLAR [r]

Essa realização foi exclusiva do ambiente fonético caracterizado pela presença de vogal que iniciava o vocábulo seguinte. Esse contexto favorecia a rerssilabação, e assim, a reestruturação silábica. A sílaba travada pela variável (r) passava à sílaba aberta, principalmente quando se tinha a preposição *por* como em [pure'zẽplu] (por exemplo), [pu'risu] (por isso)⁴.

O pequeno número de ocorrências do tepe alveolar (96 dados), deve-se ao fato de que, embora haja a possibilidade de rerssilabação, os falantes apagam mais do que rerssilabam. Sendo assim, pode-se dizer que em nosso corpus, é mais comum acontecer a simplificação silábica, por meio da supressão do elemento posvocálico, aqui o (r), como em [fikaa'ki] (ficar aqui), do que sua reestruturação, em que a sílaba fechada passa à sílaba aberta, ou seja, do padrão silábico CVC para o CV, como se verifica, em 96 (noventa e seis) casos dentre nossos dados, como em [saberaveh'dadʒɪ] (saber a verdade)⁵.

Esperávamos que os nossos resultados corroborassem os de Callou (1979), pois supúnhamos que não seria diante das vogais o maior índice de apagamento da variável, em função da possibilidade de rerssilabação. Entretanto, eles se comportaram como os de Votre (1978), estudo no qual a vogal é o contexto seguinte que mais favorece o apagamento. Aquela, estudou o corpus do projeto NURC; este, a fala dos alfabetizando do MOBRAL. Isso nos levou a suspeitar que a rerssilabação estaria ligada ao fator escolaridade.

Imaginávamos que os falantes mais escolarizados rerssilabariam; enquanto que a falta ou pouco contato com a

⁴ 2AM+

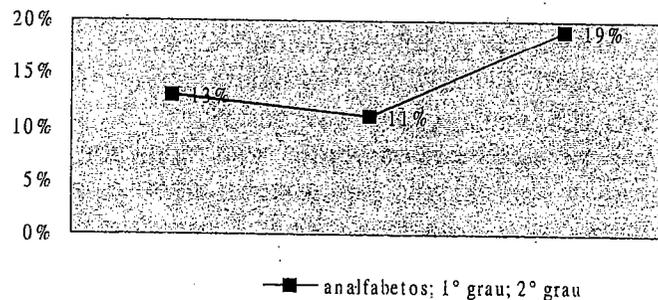
⁵ Idem.

escola levaria os de menos instrução a apagarem mais devido ao menor contato com a escrita.

Procedemos, assim, a uma rodada no CROSSTAB, programa de tabulação e cruzamento de dados, que envolveu os grupos de fatores contexto seguinte e escolaridade, a fim de verificar se os mais escolarizados rersilabariam mais do que os menos instruídos.

Além da pequena ocorrência da rersilabação no corpus, já que diante de vogal houve mais apagamento, os resultados nos mostram que não há muito distanciamento de frequência entre os três níveis de escolaridade. Essa diferença é mais tímida ainda entre os analfabetos e falantes de 1º grau, conforme se verifica no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2



Dentre os 204 casos em que a vogal era contexto seguinte, 26 dados, o correspondente a apenas 13% deles, corresponde à realização do tepe alveolar entre os falantes analfabetos. Dos 243 casos encontrados entre os falantes do 1º grau, obteve-se também 26 realizações para o tepe alveolar, o correspondente a 11% dos dados. Entre os falantes de 2º grau, das 236 ocorrências da variável (r) diante de vogal, obteve-se 44 casos, ou 19% da variante alveolar.

Os falantes de 2º grau rersilabam mais do que os de 1º grau, e estes menos do que os analfabetos; o percentual referente a esses dois últimos é praticamente idêntico. Eles demonstram comportar-se de forma muito parecida. A pequena diferença de frequência está entre eles e os falantes de 2º grau.

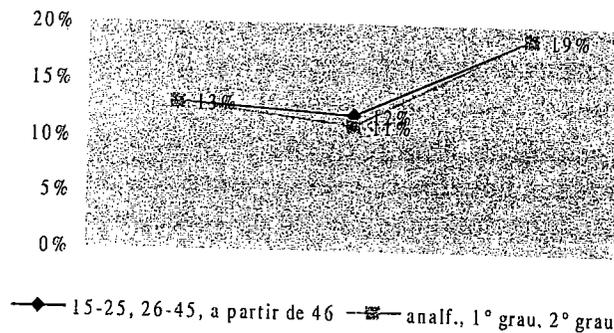
Parece haver uma pequena relação entre o grau de escolaridade e a realização da variante (r), embora ela se configure muito timidamente. Os mais escolarizados optam mais pela rersilabação do que os menos escolarizados. Talvez isso seja resultado do contato com a escrita. Os que mais a conhecem, a manipulam, têm mais consciência da existência da variável (r) do que aqueles que com ela têm menos contato. Todavia, é preciso dizer, que a diferença é bastante tímida, o que nos leva a intuir que o apagamento já toma o lugar da rersilabação mesmo entre os mais escolarizados. Cabe complementar, outrossim, que o número de dados em que se realizou esse fenômeno é bastante reduzido. É provável que um número maior de dados manifestasse de forma mais nítida se a escolaridade exerce influência sobre a rersilabação. Uma comparação utilizando o 3º grau deixaria mais claro se o apagamento vai crescendo em direção à norma culta, sobrepujando, inclusive a rersilabação neste nível de escolaridade.

A fim de verificar também se a idade exerceria influência sobre a rersilabação, ou seja, se diante de vogais os mais idosos rersilabariam menos, procedemos a uma outra tabulação, agora, cruzando os grupos de fatores contexto seguinte e idade.

O gráfico abaixo demonstra concomitantemente as frequências referentes à atuação da escolaridade (analfabetos, 1º grau e 2º grau) e idade (15-25, 26-45 e a partir de 46) sobre a rersilabação.

GRÁFICO 3

Atuação da escolaridade e idade sobre a ressilabação



A diferença de frequência verificada para a idade, no que concerne à ressilabação, não se mostra muito distante do que se verificou para a escolaridade, pois não vai além de 19%. Aqui, os mais idosos, como prevíamos, ressilabaram mais do que os mais jovens. Entretanto, não foi a faixa etária mais jovem que menos o fez, mas a intermediária (25-45 anos). Isso nos remete à discussão já traçada em Oliveira (2002) que diz ser a escolha escolhida pelo apagamento marca de faixa etária.

Embora tenhamos resultados aparentemente diferentes para as três faixas etárias, cabe ressaltar, que eles apontam mais para a semelhança do que para a diferença, dada a aproximação entre as frequências fornecidas pelo CROSSTAB, principalmente entre as duas primeiras faixas etárias, conforme também se verificou, quando do cruzamento vogal x escolaridade. Esses números parecem indicar também que a ressilabação é pouco produtiva entre os falantes, independentemente da idade. Mas, acrescentamos que só um número mais significativo de dados poderia ratificar esses resultados que consideramos ensaio para posterior investigação dado ao número reduzido de dados que foram utilizados.

2.2 A FRICATIVA VELAR [x]

Conforme se disse anteriormente, a realização da fricativa velar [x] corresponde a 1% dos dados, o correspondente a 16 ocorrências.

Essa variante parece estar ligada a uma faixa etária específica, pois dos 16 dados encontrados no corpus, 14 correspondem aos falantes da 3ª faixa etária, conforme se constata nos exemplos abaixo:

Exemplos (3AM+ 3AM-):

[dʒiʃpeʃ-ʃkax]	<i>despescar</i>
[vajkej-tmax]	<i>vai queimar</i>
[sejkoʃ-tax]	<i>sei cortar</i>

Um outro dado que vale ressaltar, diz respeito ao contexto seguinte diante do qual essa variante se realiza. Do total de dados, 13 ocorreram diante de pausa.

Essas informações não causam estranheza por dois motivos. Primeiro, é comum que variantes não inovadoras ocorram entre pessoas mais velhas. Segundo, a pausa, conforme Oliveira (2002), que estudou apagamento x manutenção na fala de Itaituba, foi o contexto que mais favoreceu a realização da fricativa glotal. Sendo, assim, comum que ela também favoreça a presença da variante velar; a pausa inibe o apagamento.

Essa variante foi encontrada na fala de dois informantes do sexo masculino, analfabetos; observou-se 6 (seis) ocorrências na fala do informante de renda média e 1 (uma) na fala do informante de renda baixa. Talvez a falta de contato com a escola, favoreça o uso de variantes mais conservadoras, antigas, aprendidas dos pais.

A variante ocorreu também na fala de 4 (quatro) mulheres do 2º grau que apresentavam renda baixa, e de 2 (dois) homens e de uma mulher de 1º grau, da 3ª faixa etária; sendo um homem de renda baixa e os outros dois falantes de

renda média; e, ainda, na fala de 2 (duas) mulheres de 1º grau, uma da 1ª faixa etária de renda média, e a outra de renda baixa da 2ª faixa etária.

Vieira (1983) informa que em pesquisa realizada no Médio Amazonas, área que inclui o município de Itaituba, encontrou duas realizações para o *r* forte: uma caracterizada pelo flap alveolar, e a outra pela realização fricativa velar, próxima da aspiração.

Em posição posvocálica não-final, que ela chama de preconsoante, diz a autora que a maior ocorrência na cidade de Itaituba é a da variante [x]. Já em posição final de palavra, a ausência da variável (r) é categórica, salvo os casos em que [l] passa a [x], como em [bãã~nal]~[bãã~nax]

Antes de fazer uma breve comparação entre os resultados da autora e os nossos resultados, cabe fazer alguns comentários. Os informantes que a autora utilizou na pesquisa parecem não ter estudado além do 1º grau, pois ela considera para a pesquisa os analfabetos, os estudantes do MOBREAL e aqueles que cursaram a partir da 3ª série. Na época da pesquisa de Vieira (1983) era muito raro o 2º grau nas áreas pesquisadas, principalmente na zona rural, onde ainda hoje não funciona regularmente esse nível de ensino. Cabe dizer ainda, que dos 27 informantes entrevistados pela autora, apenas 5 tinham instrução igual ou superior à 3ª série. Além disso, a autora não dá resultados específicos referentes a cada nível de escolaridade estabelecida, considera zona rural e urbana quando de sua pesquisa, e não leva em consideração a faixa etária que compreende jovens e adolescentes.

Uma ligeira inferência sobre aqueles resultados e estes, diria que a ocorrência da fricativa velar, na cidade de Itaituba, estendeu-se à posição final de vocábulo, entre adultos e idosos, pois Vieira (1983) informa que em final de palavra o apagamento é categórico. É possível que a grande migração de pessoas de todo o país, bem como a chegada mais efetiva da escola tenha levado a cidade ao uso de outras variantes

em final de palavra, que eram antes pouco utilizadas pelos falantes devido à baixa escolaridade que apresentavam, ao pouco contato com a escrita, manifesta na pesquisa de Vieira (1983).

Um outro aspecto que deve ter inflacionado a frequência do apagamento naquela pesquisa, deve-se, provavelmente, à realização dos falantes da zona rural, que geralmente apresentam pouca ou nenhuma escolaridade, comportamento lingüístico influenciado pela fala indígena circunvizinha, além do isolamento geográfico em relação aos centros urbanos, conforme diz a autora. Talvez se os critérios entre esta e aquela pesquisa fossem mais próximos nossos resultados ficassem mais aproximados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados referentes às duas variantes minoritárias do corpus, o *tepe alveolar* e a *fricativa velar*, sugerem que o apagamento vem tomando o lugar destas variantes mesmo entre os mais escolarizados. O (r) final de vocábulo vem sendo representado na fala de Itaituba por variantes fricativas e posteriores, salvo alguns casos em que o vocábulo seguinte é iniciado por vogal, onde se tem a reestruturação silábica, em que o (r) passa de posição posvocálica à prevocálica e sua realização se caracteriza pela presença do tepe alveolar. Entretanto, mesmo quando a palavra seguinte inicia com vogal, os falantes têm optado mais pelo apagamento da variável. Tanto é verdade que, do total dos dados analisados, apenas 96 deles correspondem ao tepe alveolar, e conseqüentemente à ressilabação. Quanto à fricativa velar, pode-se inferir, a partir de sua baixa produtividade, 16 dados de um total de 2.727, e restrição quase total à fala dos analfabetos e falantes da 3ª faixa etária, que sua realização tende a desaparecer em favor da fricativa glotal e do zero fonético que se mostraram bastante produtivos na fala itaitubense, conforme Oliveira (2002).

A análise feita sobre o comportamento do (r) final de palavra mostrou que o tepe alveolar e a fricativa velar são variantes pouco produtivas na fala de Itaituba. Dos 2.727 estudados apenas 5% correspondem à sua ocorrência. O fato de ter ocorrido significativa baixa de ocorrência da fricativa velar em favor da fricativa glotal aponta para o enfraquecimento da variável (r) em final de palavra na fala dos itaitubenses, pois geralmente essa variável precede o apagamento.

REFERÊNCIAS

- CALLOU. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1979.199f. Tese (doutorado em Lingüística)- Universidade Federal do Rio de Janeiro,1979.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Salvador. 1999. 81f. Dissertação (mestrado em Lingüística)- Universidade Federal da Bahia, Salvador,1999.
- OLIVEIRA, Mariúcia Barros de. *Apagamento e Manutenção do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. Belém. 2002. 131f. Tese (mestrado em lingüística)- Universidade federal do Pará, Belém, 2002.
- VIEIRA, Maria de Nazaré. *Aspectos do falar paraense*. Belém : Universidade Federal do Pará.,1983.
- VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1978. 222f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,1978.